

ASPECTOS FILOSÓFICOS DA CULTURA

Urbano Zilles*

A Cultura é própria do homem. Nunca existiu o homem em estado natural puro. Um povo, por mais primitivo que seja, tem seus usos e costumes, sua religião, sua linguagem, sua concepção de mundo, da existência e tem sua técnica. Em outras palavras, tem sua cultura. Esta aparece sob duplo aspecto: de um lado é **obra humana** (já feita) e, de outro, é o próprio **agir** (processo), um agir transformador segundo modelos típicos. O processo cultural acontece na interação dialética entre fatores reais e fatores ideais, entre natureza e homem. A natureza constitui a primeira dimensão na estrutura do mundo.

Arraigado na **natureza**, o homem tem a capacidade de penetrá-la através do conhecimento e transformá-la através do trabalho. É levado a isso por impulsos e necessidades corporais e espirituais. Forma-se, assim, para o homem, ao lado ou aquém do mundo natural, um **mundo simbólico** ou **cultural**, que é obra do próprio homem. Por isso percebe o mundo dos acontecimentos reais através das imagens (símbolos) historicamente já criadas e, relacionado com este mundo simbólico, abre-se para o futuro. Este segundo mundo manifesta-se em fábulas, lendas, poesias, obras de arte, normas, usos e costumes, instituições sociais e políticas. Este mundo criado reage sobre o próprio homem. Tudo isso constitui-se em modelos para o agir humano, permitindo atitudes culturais tão específicas e tão firmes como se fossem instintos. Arraigado sempre numa cultura específica, o homem considera esta como "natural" e a outras como "estranhas".

Apesar de a cultura, fundamentada, por um lado, nos dados da natureza, permanecer nos limites impostos pela mesma e, por outro, nos limites de determinado mundo simbólico, o homem **transcende** a ambos por sua atividade criadora (liberdade). A cultura é, pois, dinâmica, tendendo a transcender sempre o que já existe como dado. Este transcender manifesta-se na própria ação humana. Na liberdade, o pensamento humano ultrapassa os limites dados. A liberdade humana é, pois, a força motora de toda a criatividade, que tem como re-

sultado obras com existência própria, quase autônoma. Assim, dentro do mundo pré-dado, o homem constrói um mundo novo. Um bloco de mármore, antes de trabalhado pelo escultor, é **natureza**; ao assumir forma de estátua torna-se **cultura**. Por isso, num primeiro momento, podemos dizer que por cultura entendemos duas coisas: a) a ação transformadora do homem sobre seu circunmundo (**momento subjetivo**); b) e o produto resultante desta ação (**momento objetivo**). No sentido originário, a palavra "cultura" refere sempre dois elementos: a) a natureza, com suas forças e possibilidades; b) a inteligência, que observa, conhece e se aplica à natureza para aprimorá-la.

O homem participa ativa e passivamente da cultura como membro da sociedade inserido na história. Através da história aparecem muitas e múltiplas culturas. Cada qual tem seu lugar e caracteriza-se por determinada hierarquia de valores, em função dos quais são concebidos os objetos culturais. Enquanto portadores de significação, os objetos culturais constituem o que Hegel denominou "espírito objetivo". Este é a encarnação de um espírito subjetivo individual ou coletivo, de uma época, etc. Ascensão e decadência de uma cultura dependem da vitalidade espiritual da sociedade que a faz, pois, segundo Max Weber, cada cultura realiza um número limitado de possibilidades humanas, reprimindo outras, que se desenvolvem em outras culturas.

Podemos dizer que a cultura, como conjunto da atividade criadora humana, abrange um complexo tão amplo como o abrangido por esta atividade. Abrange a formação do próprio homem, o desenvolvimento de suas aptidões, sua produção desde o machado, o arado, a roupa, a economia, e a técnica, a ética, a ciência, a arte, a religião, a família o direito e o Estado. Neste sentido, costuma opor-se e relacionar-se a cultura à natureza, entendendo por cultura, no sentido mais amplo, **toda** a atividade pela qual o homem se engaja para conhecer e transformar o universo. Mas, referindo o conceito de cultura ao espírito, conota a idéia de desenvolvimento e aperfeiçoamento das faculdades do próprio homem.

O tema da "Cultura" pode ser abordado sob diversos enfoques, sendo objeto de diferentes disciplinas científicas, cada qual com seu método, como por exemplo, a história, a antropologia, a sociologia e a filosofia. Nossa abordagem aqui será filosófica. Procederemos nos seguintes passos: a) aspecto subjetivo-ativo; b) aspecto objetivo-passivo; c) Filosofia da Cultu-

ra; d) Cultura Brasileira. Em nossa abordagem não pretendemos ser originais.

1 — Cultura no Aspecto Subjetivo-Ativo

Pelo exposto acima, por cultura entende-se a ação realizada pelo homem quer sobre seu meio, quer sobre si mesmo, visando uma transformação para melhor. No aspecto subjetivo compreende a capacidade de criar, compreender e assimilar os objetos culturais. Enquanto se refere à pessoa humana individualizada, a cultura corresponde ao que os antigos gregos chamavam "paidéia" e os romanos de "humanitas". Significa a formação do **homem como homem**, de um indivíduo na sua humanidade e na sua maturidade espiritual. Neste sentido, o indivíduo culto é o indivíduo modelado, configurado pelo processo histórico-cultural.

1.1 — A formação humana do homem, **para os gregos**, se fazia através das boas artes, como a poesia, a música, a eloquência, a filosofia, etc. A essas artes reconhecidas o valor essencial por aquilo que o homem pode e deve ser, ou seja, a capacidade de formar o verdadeiro homem. Esta formação viam-na em estreita conexão com a filosofia, na qual incluíam todas as demais formas de investigação, e em estreita conexão com a vida da "pólis". O homem realiza-se, pois, através do conhecimento de si mesmo e do seu mundo e na vida em comunidade, na "pólis". O indivíduo forma-se em conexão com a sociedade. O homem é concebido como um ser social e a natureza humana como esforço de realização do qual a cultura é a meta, um ideal a concretizar. A maior obra de arte, para os gregos, era **criar o homem vivo** de acordo com a verdadeira forma humana, com seu autêntico ser.

Neste processo de formação especificamente humana, os gregos excluíam a atividade infra-humana e supra-humana. A primeira porque a cultura distingue o homem dos animais e, numa sociedade de livres e escravos, as artes, os ofícios, o trabalho braçal, era julgado próprio do escravo. Como o escravo era julgado um "instrumento animado" a serviço dos livres, pouco ou nada se distinguia dos animais. A cultura clássica visava a realização terrena do homem e, por isso, excluía a atividade supra-humana, ou seja, voltada para um destino supra-terreno. Assim, do nosso ponto de vista atual, podemos dizer que a cultura grega era **naturalista** e **aristocrática**. Era uma cultura contemplativa porque orientada para a vida teórica como a mais alta forma de sabedoria, própria dos livres.

Em sua obra famosa "Paidéia" (S. Paulo, Livraria Martins Fontes, 1979), Werner Jaeger apresenta um estudo histórico-filosófico sobre a formação do homem grego quase completo e atual.

1.2 — **A Idade Média** conservou o caráter aristocrático e contemplativo da cultura e modificou o caráter naturalista. A base, para a formação humana, era dada no Trívio e Quadrívio, ou seja, por aquilo que era chamado "artes liberais". O Trívio compreendia a gramática, a retórica e a dialética e o Quadrívio a aritmética, a geometria, a astronomia e a música. Mas o objetivo último da cultura agora é a preparação do homem para seu **destino religioso e transcendente**.

À filosofia coube uma tarefa fundamental. Devia tornar acessíveis ao homem medieval as verdades religiosas, ajudar para que as compreendesse por seu intelecto, proporcionar-lhe armas ou argumentos para defendê-las contra a heresia e a descrença. Com isso, a filosofia passou a ocupar um papel subordinado como serva da Teologia. É verdade que a partir do século XII, sobretudo a partir de Tomás de Aquino, foi-lhe reconhecido um campo próprio de investigação.

A Idade Média adquiriu certa unidade cultural quando a Igreja Católica se tornou o único sujeito cultural através dos mosteiros e das escolas junto às catedrais. A educação tornou-se tarefa primordial dos mosteiros e das universidades. Culta era a pessoa que dominasse as "artes liberais". O Cristianismo ofereceu certa unidade de inspiração à cultura medieval.

O encontro com os gregos e com os árabes, através das cruzadas, trouxe novos impulsos à Europa.

1.3 — **O Renascimento**, como tentativa de retomar o ideal da cultura clássica dos gregos, reconduziu a Cultura ao seu caráter naturalista, modificando o caráter contemplativo. Típica torna-se a expressão "cultura da alma" para a qual se usam como instrumento principal as "litterae humaniores" ou "humanitates". A vida ativa agora é integrada ao ideal de cultura. Aliás, não se deve esquecer que aqui se realiza uma mudança radical do homem em relação ao mundo e à natureza, uma mudança que fundamenta a cultura, a civilização moderna e a contemporânea. O homem passa da atitude de observador para a atitude de agente. Seu pensamento não se contenta em representar o que já existe na natureza, mas projeta novas pos-

sibilidades. A verdade não é simplesmente a representação do que já existe na natureza; o homem torna-se transformador e criador, partindo da hipótese de que pode fazer o que pode pensar. O trabalho deixa de ter caráter puramente utilitário e servil. A cultura é o conjunto de atividades que permite ao homem viver de maneira melhor e mais perfeita no seu mundo. A religião integra a cultura, porque ensina a viver bem nesta vida. Mas, o Renascimento mantém o caráter aristocrático ou elitista de Cultura, no sentido de que a sabedoria é reservada a poucos. Sob certo aspecto, o Renascimento desprezou a idade histórica anterior. Esta foi, sem dúvida, uma das razões por que erroneamente se caracterizou a Idade Média como "idade das trevas". Esqueceu-se que foi ela a base de nossa cultura, de certa forma, através do próprio Renascimento. Foi ela mesma que nos mediou a cultura grega e romana.

A cultura do Renascimento é expressão de um homem concebido como autônomo. Voltou-se fundamentalmente para este mundo, criando uma ruptura entre Cristianismo e cultura. No Humanismo ainda perdurou, durante longo tempo, o ideal cristão de cultura.

1.4 — A primeira tentativa mais radical de eliminar o caráter aristocrático da Cultura é feita pelo **Iluminismo**. Este estendeu a **crítica racional** a todos os objetos, considerando erro ou preconceito tudo o que não tivesse passado pelo crivo da razão. O homem propõe-se a sair de sua minoridade e, servindo-se da luz da razão crítica, entrar na **maioridade**. Por minoridade, o Iluminismo, segundo Kant, entende a incapacidade do homem de servir-se do próprio intelecto sem o guia de um outro. A causa é a falta de decisão e coragem. Por isso, diz Kant: "Tem a coragem de servir-te do teu intelecto!" É o compromisso e a coragem de servir-se da razão crítica e dos resultados conseguidos nos vários campos de pesquisa do conhecimento humano. O Iluminismo considera a cultura como instrumento de renovação social e individual e não patrimônio dos doutos. Em outras palavras, cultura deixou de ser mera questão de eruditos. Cultura passa a ser o **domínio da razão** sobre a natureza.

O fenômeno histórico da Enciclopédia francesa é uma tentativa de divulgar a cultura entre todos os homens, ou seja, torná-la universal. Essa tentativa teve como reação que o próprio conceito de cultura fosse ampliado. Cultura tornou-se sinônimo de erudição, ou seja, de ilustração, de riqueza de dados sobre um tema. O caráter reacionário do Romantismo

não conseguiu impedir a tendência universalizadora, fundamental dos tempos modernos. O domínio da Cultura ampliou-se. Novas disciplinas, que surgiram, novos campos da atividade humana eram integrados logo como elementos constitutivos da cultura, necessários para a formação da pessoa humana. O Iluminismo alimenta-se de uma concepção da história como possibilidade de melhoria do saber e da vida humanos. "Ser Culto" deixa de ser sinônimo para quem domina as artes liberais clássicas, incluindo o domínio das novas ciências. Torna-se quase sinônimo de enciclopedista, i. é, de quem possui conhecimento geral e sumário de todos os domínios do saber.

1.5 — **Desde o começo de nosso século** passou-se a criticar o ideal enciclopedista de cultura. Criticou-se a quantidade dos muitos conhecimentos pela superficialidade, buscando a dimensão da profundidade. A delimitação de campos determinados para o aprofundamento do saber trouxe o **fenômeno da especialização**. Este parece ser o problema fundamental da Cultura contemporânea. Em outras palavras, como se poderá conciliar a exigência da especialização com a de uma formação humana global? Opõe-se a especialização a uma "Cultura geral". O especialista é aquele que sabe tudo sobre quase nada e nada sobre o todo. É o "idiota" em sua especialidade. Sua visão é limitada. Como conseguir uma visão mais ampla das coisas e do mundo sem renunciar à profundidade? E por homem de "cultura geral" passa a entender-se aquele que tem espírito aberto e livre, que não foge do novo e se abre para o futuro.

Desapareceu quase totalmente o caráter contemplativo da cultura. Exige-se o rendimento produtivo. Mas permanece a questão: pode-se reduzir o ideal de Cultura humana a puro adestramento técnico em campo específico restrito ao uso profissional? Não equivale isso à redução do homem ao "homo faber", mutilando o "homo religiosus", o "homo socialis", o "homo ludicus", etc? Como deveria ser, hoje, o ideal de formação humana completa, ou seja, a realização do homem na sua forma autêntica, equilibrada, harmoniosa e global? Como superar o homem unidimensional da nossa era? Não enfrenta o homem como homem, no dia-a-dia de sua vida, problemas que transcendem sua especialização?

Para responder a essas perguntas não se poderá postular um simples retorno no curso da história. A especialização se nos apresenta como uma necessidade sem a qual estamos condenados a perder nosso lugar ao sol. Por outro lado, temos

consciência de que a cultura da pessoa exige dimensões mais amplas e globais para satisfazer às próprias aspirações pessoais e da sociedade.¹

2 — Cultura no Aspecto Objetivo-Passivo

Sociólogos e antropólogos, hoje, costumam usar o termo "cultura" para significar o conjunto dos modos de vida criados, apreendidos e transmitidos de uma geração à outra, entre os membros de uma determinada sociedade. Entende-se, pois, cultura como produto resultante da ação humana, como formação coletiva de um grupo social naquelas instituições, como língua, costumes, etc. que o definem. Neste sentido, o conceito de cultura deixa de ser aristocrático. Designa tanto uma civilização mais evoluída quanto as formas de vida social mais rústicas e primitivas. Para um antropólogo, um modo primitivo de pescar é produto cultural não menos que uma sinfonia de Beethoven. O conceito antropológico de cultura descreve o conjunto de estilos de vida, quer materiais, quer espirituais (cultura, carajá, etc). Muitas vezes predomina a descrição dos objetos materiais. Falamos em determinada cultura, referindo-nos, pois, a complexos históricos, pressupondo que exista algo que os unifica, algo como um "cosmos" com coerência interna.

Nos tempos modernos e contemporâneos, Cultura passou a ser entendida como **forma de vida social**. Na sociedade o indivíduo vive num todo e o todo vive pela participação do indivíduo. Na sua tradição e no ethos, na educação e nas instituições, formam-se, cristalizam-se e acumulam-se, num processo dinâmico, as experiências de gerações e chegam ao indivíduo. Os bens culturais da tradição necessitam da vida subjetiva e da iniciativa para conservá-los. Culturas nascem e crescem como se obedecessem a uma inspiração, seguindo uma lógica interior, um princípio que as articula e as torna coerentes como um todo. Esse processo não é apenas restrito à inteligência como vigia crítico da liberdade. É a participação solidária de todos os membros na vida cultural. Sob este aspecto, a própria questão social é uma tarefa cultural.

Como forma de vida, a cultura também interessa ao **Estado**. Mas este não é, propriamente, o sujeito criador da mesma, embora a formação do próprio Estado seja um aspecto importante de uma cultura. Ao Estado cabem tarefas como a ordem jurídica e a segurança dos cidadãos. Na educação cabem-lhe tarefas próprias como proteger a liberdade de pesquisa. Ele não é, no sentido próprio, produtor de cultura, mas, sob certo

aspecto, é produto. Quando um Estado tenta este empreendimento como produtor, constitui-se em ameaça, pois, facilmente, procura manipulá-la, corrompendo-a ou matando-a. Cultura não se faz sob pressão. Pressupõe um espaço de liberdade do espírito.

A cultura historicamente existe em formas relativamente limitadas. Por isso só se pode falar em culturas existentes no passado ou no presente e de possíveis no futuro. O encontro do homem com o mundo é diferente daquele do animal. Este é condicionado pelas circunstâncias. O peixe fora da água morre. Os instintos garantem-lhe um comportamento seguro dentro de determinadas circunstâncias, que não ultrapassará. Pelo espírito, embora condicionado pela natureza e por um instinto inseguro, o homem pode transcender o existente, transformá-lo. É livre. E a liberdade é o motor oculto da atividade cultural humana. O homem não se contenta em apenas viver; quer o bem-viver. Nele dormita uma inquietude que o impulsiona para além de tudo que é finito. Suas obras históricas testemunham esta inquietude sem fim.

Entendendo a cultura como expressão da vida espiritual de um povo, compreende-se que represente sempre apenas uma posição relativa deste movimento, tanto no aspecto subjetivo como no objetivo. O aspecto objetivo e o subjetivo da cultura são inseparáveis. Fecundam-se mutuamente. Cada geração posiciona-se frente à totalidade da tradição cultural, escolhendo e selecionando bens herdados. Este posicionamento não raro acontece de maneira polêmica, quando uma geração rejeita os valores de uma anterior, ao mesmo tempo que descobre novas possibilidades. Assim que é preciso considerar não só o aspecto estático, mas também o dinâmico, que não se desenvolve apenas de forma linear, mas também conhece saltos (revolução). A cultura objetiva tende a cristalizar-se em instituições sociais, como a língua. Mas só é significativa no movimento histórico da livre criação e recriação em novas circunstâncias. Os impulsos deste movimento são múltiplos, não se devendo esquecer o **impulso lúdico**, também no domínio da ciência e na técnica. Com isso pode estar destituída, não raro, do caráter de utilidade prática imediata. Não é o simples acúmulo de valores objetivos de uma cultura que determina sua vida real, mas aquilo que o homem deles faz para si e para os outros.

3 — Filosofia da Cultura

Cultura, como vimos, é um conceito genérico. Não é uma disciplina científica. É um assunto que pode ser objeto de diversas disciplinas científicas como a Antropologia, a Sociologia, a História e a Filosofia, cada qual com seus métodos próprios. Sob certo aspecto, por outro lado, podemos ver cada uma dessas disciplinas como um aspecto especial da vida espiritual de uma cultura, ao menos no sentido de que os mesmos problemas recebem tratamento diverso de acordo com o **enfoque** aberto pela própria cultura. Caberia analisar as obras sobre Cultura Brasileira sob o ponto de vista do método científico: histórico, antropológico, sociológico, filosófico ou coleções enciclopédicas de generalidades. A filosofia da cultura começou com os pré-socráticos, quando estes distinguiram entre o que é por si mesmo (**natureza**) e o que é pelo espírito do homem (**Nómos**).

O saber humano, em geral, e o conhecimento filosófico, em especial, surgem dentro de um mundo de significações radicais, constituído anteriormente a qualquer reflexão sistemática. O mundo humano e o próprio homem são configurações culturais, cujo sentido último a razão, antes de criar, procura descobrir. Para cada homem, o mundo é um conjunto de possibilidades dadas. O mundo pré-dado da cultura fixa e orienta para novas possibilidades. A identidade de uma cultura é modelo radical, cujas possibilidades se desenvolvem de acordo com as circunstâncias. Entre os fatores e elementos que tornam o homem um ser criador de cultura poderíamos citar: a sua posição ereta e a conseqüente libertação da mão que o caracteriza como "homo faber"; ser dotado de um psiquismo superior ao do animal, capacidade que lhe permite criar e inventar nos mais diversos domínios; ser dotado de desejos e aspirações, que transcendem o imediato, e que procura expressar e objetivar de mil maneiras diferentes.

Há, historicamente, uma multiplicidade de culturas, com conteúdos e esquemas tão ricos e tão variados que resistem ao estudo exaustivo e à classificação dos mais competentes. Testemunham o espantoso poder inventivo e criador do homem. Mas cada cultura sugere formas determinadas para o pensar, o agir e o fazer. No momento em que se inaugura uma nova possibilidade de ser, em que é fixado um novo sentido da realidade por um poder suficientemente forte para garantir o entendimento humano, nasce uma cultura. Há uma força original que sustenta e unifica uma visão cultural, e, através do

estabelecimento e desenvolvimento de esquemas, lhe confere unidade e identidade próprias.

Por outro lado, a multiplicidade de culturas participa de uma certa unidade. Esta unidade funda-se, em última análise, no próprio ser do homem e de uma determinada sociedade, que age segundo modelos típicos de concepções de valor e ideais. O objeto próprio da filosofia é o fundamento de uma cultura determinada como o fundamento da pluralidade das expressões culturais, que formam o "mundo simbólico", próprio de todos os grupos da sociedade humana.

A universalização da técnica e da ciência estabelece novos contatos entre os povos de diferentes culturas. Este processo tende à uniformização, destruindo a originalidade de mundos autônomos. Instala-se assim um colonialismo tecnológico de relações que podem ser caracterizadas como entre senhor e escravo. O senhor impõe os padrões culturais ao escravo. Este é o projeto de conquista, domínio e exploração que massacrava a identidade cultural dos situados na periferia, forçando-os à inautenticidade cultural. A ideologia da colonização cultural leva em si também o germe da revolta, pois cedo ou tarde os povos colonizados tomarão consciência de sua alienação. O colonialismo econômico é acompanhado de um colonialismo cultural. E um povo colonial é um povo alienado. Quando falamos em "Cultura Brasileira" cabe, pois, indagar pelo projeto colonizador dos portugueses que para cá vieram, como sobre os projetos que americanos e europeus alimentam em relação ao Brasil hoje.

4 — Cultura Brasileira

Gladstone Chaves de Melo escreve: "... entendemos por **cultura**, em perspectiva nacional, o conjunto de atitudes espirituais (religião, filosofia de vida), de conhecimentos, de tradições, de técnicas e de criações artísticas, peculiares a um povo. Adotando, assim, nas grandes linhas, um conceito de Goethe, definiremos então a CULTURA BRASILEIRA como o conjunto de atitudes espirituais, conhecimentos (científicos ou empíricos), técnicas, tradições e criações artísticas próprias do povo brasileiro."

O problema é como chegar, nessas diversas manifestações da cultura, a discernir o que estilisticamente é próprio do Brasil. Como se discernirá o que é herança indígena, africana, européia ou ocidental?

A Cultura Brasileira, por um lado, é conseqüência da cultura que formou o Ocidente. É resultante de um longo processo, no qual culturas diversas, unindo-se, deram origem a uma nova possibilidade de ser.³

Esta cultura foi constituída, sobretudo, pela helênica, latina e germânica cristianizadas. Ou, se quisermos, tem como colunas vertebrais o pensamento e a arte grega, a organização e o direito romano e a espiritualidade judaico-cristã. Tudo o que constitui hoje o ocidente, no campo da filosofia, da arte, da ciência e da técnica só pode ser entendido a partir dos arquétipos propostos por aquelas culturas originais, cristianizadas. Disto nasceu um novo projeto cultural. As possibilidades existentes originam novas formas.

Um novo mundo cultural nasce na América enquanto habitada por uma nova consciência. Na pessoa de nossos antepassados foi incorporada uma nova realidade geográfica à realidade espiritual. Mas o novo mundo primeiro foi feito segundo o estilo da Cultura que faz os descobridores. A cultura brasileira emana das possibilidades criadores do "paideuma" ou esquema da cultura greco-latina-germânica cristianizada. Uma análise filosófica, na busca da essência da cultura brasileira, não deverá esquecer esses aspectos fundamentais. Ao mesmo tempo deverá atender ao seu estilo particular. Antes de mais nada, o brasileiro é alguém que amplia o mundo já existente. As particularidades próprias do novo espaço natural e paulatinamente incorporadas ao projeto original numa influência mútua.

Realizou-se, sem dúvida, uma experiência nova dentro da rica tradição da cultura ocidental. A língua portuguesa aos poucos começa a ser falada de maneira diferente. As igrejas são construídas de maneira diferente. A catequese experimenta surpresas. O barroco assume novas expressões. A sociedade constrói-se em formas mais elásticas, originando o "jeitinho". A diversidade de raças exerce alguma influência. Mas todas essas novas formas eram determinadas pelo projeto radical da cultura dos descobridores.

Se há os modelos radicais de nossa cultura que precedem qualquer escolha, de onde vem a originalidade? Por um lado, os modelos de originalidades da cultura. Por outro lado esses também alimentam e transformam uma cultura. Não será a cultura brasileira, antes de tudo, um ramo novo da grande Cultura Ocidental? Quando se faz filosofia, não é mais impor-

tante fazer filosofia do que filosofia **brasileira**? Em todo o caso, faz-se sempre filosofia dentro de um determinado horizonte cultural, a partir de algum ponto de vista e com destinatários, ou seja, para alguém.

Não se sabe bem se por razões filosóficas ou político-ideológicas tornou-se comum exigir e salientar a originalidade de nossa filosofia e cultura. Com isso evidentemente não se deverá esquecer de indagar por aquilo que significa que a cultura brasileira está situada dentro da grande tradição cultural do Ocidente. A originalidade de uma cultura não se deixa manipular por ideologias externas. Essas só conseguem corrompê-la. Cada cultura é peculiar a um povo num determinado momento histórico. Por isso "culturas" são coisas heterogêneas que não se compreendem por um simples processo de comparação em sua identidade própria. Não se podem comparar, a rigor, culturas diferentes, como não se pode comparar um quadro de A. Locatelli com um romance de Érico Veríssimo. Cada qual tem um componente essencial próprio que o define.

Quando falamos em "Filosofia da Cultura Brasileira", encontramos algumas dificuldades preliminares. Há poucos estudos sistemáticos específicos. Dispomos de estudos de história da Cultura e estudos antropológicos. Mas, com isso, não conseguiremos penetrar no conteúdo significativo dos objetos culturais. Filosofia de uma Cultura certamente exige mais que um simples inventário de objetos materiais.

As filosofias da Cultura serão tantas quantas forem as filosofias gerais. Cada filosofia ou escola desenvolve métodos próprios. Talvez se pudesse tentar uma filosofia da Cultura brasileira, com o método fenomenológico de Edmund Husserl, através de análise e síntese.⁴ Mas a análise deve abranger o todo, sem esquecer nenhuma das partes componentes do todo. Analisar não é mutilar. Talvez a fenomenologia de Husserl nos pudesse ajudar a identificar as essências da Cultura brasileira. Como chegar lá?

A Fenomenologia husserliana entende-se como a ciência das essências das vivências. Trata das significações como objetos ideais. Em outras palavras, é a ciência descritiva das essências da consciência pura. Ter consciência de algo expressa o sentido. Consciência é uma vivência intencional. Através da "epoqué" ou redução fenomenológica passa-se das vivências às essências. Qual é a essência própria da Cultura Brasileira?

O método fenomenológico preocupa-se em apresentar uma descrição pura da realidade, do fenômeno, tal como se apresenta à consciência. A Fenomenologia é "a volta às coisas mesmas" como se apresentam à nossa consciência. Levamos o objeto à consciência para interpretá-lo. O método fenomenológico consiste em observar os fatos empíricos em toda a sua realidade e descrevê-los através de uma descrição articulada, fenomenológica, que parte do substrato para o sentido e do sentido volta ao substrato em movimentos circulares indefinidos até a compreensão do objeto, deixando o acidental entre parênteses. Esta descrição apresenta-se como um minucioso inventário do perceptível ou das características fenomênicas dos objetos ou fatos. Interpretamos o objeto pelo próprio objeto. A descrição fenomenológica não pré-julga. É descritiva. Procura compreender os fenômenos em toda a sua realidade. O método está subordinado ao objeto. A consciência dirige-se para a essência do fenômeno, da realidade (intencionalidade da consciência). Como abertura diante do mundo, é sempre consciência de algo. A análise da consciência procura o significado daquilo que temos na consciência, quando julgamos, afirmamos, sonhamos, vivemos.

Quais são os objetos culturais apresentados, significativos representantes nas estruturas dos diversos complexos e configurações da cultura brasileira? Há diferentes categorias de objetos, que não podem ser estudadas por um único método: ideais (não estão na experiência) e as realidades naturais (espaço e tempo). Esses escapam à valoração por si mesmos. Os objetos metafísicos: têm existência, mas fora da experiência dos sentidos. Quanto aos objetos culturais, afirmamos juízos de valor ou de sentido ou significação. Ao grupo de objetos de tudo aquilo que é feito pelo homem, os objetos culturais, que existem e atuam em nossa experiência predicamos valores como beleza, etc.

Um objeto cultural implica duas coisas: a) um substrato de sentido, b) um sentido que se tem que dar como realidade. Ambas as coisas devem existir. Constatamos que os valores são dependentes do sujeito que os enuncia. O sujeito está implicado na enunciação. Se, p. ex., digo que a rosa é bela, suponho que ao menos para mim o seja. O ser de um objeto cultural é ser um sentido. Frente a ele nossa consciência toma uma atitude de compreensão, não propriamente de explicação. É ver com a inteligência um sentido. É um ver com a inteligência, um ato no qual o expectador é componente da significação que enuncia. A estrutura da compreensão é circular, é

aberta indefinidamente, que se realiza sem sair do objeto, ou seja, de sua estrutura global.

Como se poderá compreender a Cultura Brasileira através de uma investigação fenomenológica? Perguntamos: o que é Cultura Brasileira?

A cultura é vida humana objetivada. É o pensamento humano objetivado. Cultura Brasileira é um conjunto complexo de objetos materiais e não-materiais, como sistemas de idéias, costumes, instituições, crenças, lendas, padrões de conduta, religião, música, etc. criado pelo povo brasileiro. É uma herança social. Assim os profetas de Aleijadinho, o **Guarani** de José de Alencar, os **Sertões** de Euclides da Cunha. A cultura é dinâmica. As objetivações podem ser revividas e recriadas em novas circunstâncias. A cultura modifica-se ou até pode desaparecer.

A cultura brasileira fundamenta-se em essências singulares. Configuram-se por aquilo que foi herdado e, em parte, é comum a outros povos e por modificações introduzidas pelas circunstâncias contemporâneas. Buscar essas essências é determinar o sentido de "brasilidade" contemporânea, p. ex., no fenômeno do futebol. Embora trazido de alhures, adaptou-se à vida societária brasileira, sendo modificado através de organização e significação própria e singular para a cultura brasileira. Esta brasilidade vem se afirmando através do processo histórico, tornando-se cada vez mais ela mesma, à medida que dela tomamos consciência, como significativa para nós. Localizar esta essência é fazer a fenomenologia da cultura brasileira. O método fenomenológico ensina a ver e viver a realidade no seu sentido, na sua evidência radical, como e enquanto se manifesta à consciência.

Talvez se deva advertir que a cultura não é apenas obra da razão e da vontade. O elemento lúdico constitui um impulso da criação consciente em todos os campos. Onde se tenta programar tudo por fins racionalistas, elimina-se a criatividade, essencial e fundamental para uma cultura humanista. A criatividade pressupõe liberdade interior que sobrepõe o homem à escravidão de fins utilitários imediatos. Esta atitude é fruto do recolhimento que leva o homem à sua unidade e a transcender as circunstâncias imediatas da vida. Cultura é a realização histórica do homem em sociedade de projetos de vida explícitos ou implícitos que tendem a ser partilhados pelos membros de um grupo social.

NOTAS

- * Diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da PUCRS e professor do Departamento de Filosofia.
- 1 Verbetes **CULTURA**, in: **ABBAGNANO**, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. S. Paulo, Mestre Jou, 1970, p. 209-213.
 - 2 (**Origem, Formação e Aspectos da Cultura Brasileira**, Lisboa, Centro do Livro Brasileiro, 1974, p. 27).
 - 3 **CRIPPA**, Adolpho. "A Filosofia no Brasil", in: **As Idéias Filosóficas no Brasil**. S. Paulo, Convívio, 1978, p. 11-40.
 - 4 Cf. uma tentativa neste sentido em: **COIMBRA**, Crésio. **Fenomenologia da Cultura Brasileira**. S. Paulo, Lisa-Livros Irradiantes, 1972, p. 11-34.